



A INDOMÁVEL LIBERDADE IMAGINATIVA NA LITERATURA CLARICEANA: “SE PUDESSE TER ESCOLHIDO QUERIA TER NASCIDO CAVALO”

Adriane Cherpinski (adriane.cherpinski@hotmail.com)
Adriana Gomes Cardozo de Andrade (adrianagc@utfpr.edu.br)
Evely Vânia Libanori (lieveorama@gmail.com)

Resumo: Entre as sombras das trevas noturnas delineia-se uma majestosa e misteriosa silhueta. Não se sabe ao certo se de um cavalo ou de uma mulher. O calor daquele corpo exala a altivez e os segredos do instante-já, ora sinistro, ora doce... dialética intrínseca, fonte de paz e de conflito... Captar cada singularidade momentânea no acervo literário da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977) torna-se, assim, pois, um desafio. Desafio esse que se intensifica de forma inquietante nas obras *Água viva* (1973) e *Onde estivestes de noite* (1974) ou, mais especificamente, nas narradoras que se arrastam ao sabor de seus desejos, abandonando a condição humana para assumir a animalidade do ser que constitui um dos arquétipos fundamentais dentre os que a humanidade inscreveu em sua memória: o cavalo. Assim, tem-se como foco de estudo duas produções literárias de Clarice Lispector: *Água viva* (1973) e o conto ‘Seco estudo de cavalos’ contido em *Onde estivestes de noite* (1974). As reflexões giram em torno da figura do cavalo, buscando identificar o processo de metamorfose desejada e sofrida pelas personagens das obras, que também são suas narradoras, as quais estão em constante (des)constituição de identidades. Os aspectos metodológicos teórico-bibliográficos pretendem demonstrar que, embora o cavalo assuma simbologias variadas e complexas, nessas obras, suas manifestações se unem e revelam o instante-já, onde as narradoras evoluem da condição humana para a animalizada, num êxtase ritualístico. Os estudos relativos à natureza e suas relações com a literatura, bem como a (des)constituição de identidades do ser humano contemporâneo, fundamentam e permitem a análise dessa metamorfose, tendo em vista que os recortes apresentados justificam e orientam tal interpretação. Diante do exposto, inquieta saber: de que forma a literatura se configura como um espaço de problematização acerca da representação dos animais e sua conexão humana? Ser humano e animal integram o meio ambiente, por isso, um está imbricado no outro com suas necessidades, exigências e ações, constituindo um espaço de interconexões. A produção literária de Clarice Lispector apresenta uma fauna extraordinária em primeiro plano: os animais integram as narrativas enquanto seres dotados de sensibilidade, inteligência e emoções, tais como as personagens humanas. Atualmente, há uma intensa preocupação com a condição animal e a forma com que os humanos estabelecem as relações éticas com estes seres.

Palavras-chave: Animal, identidade, Clarice Lispector

Abstract:

Among the shadows of the nightly darkness there is a majestic and mysterious silhouette. It is not known for sure whether a horse or a woman. The heat of that body exudes the haughtiness and the secrets of the instant-now, now sinister, now sweet ... intrinsic dialectic, source of peace and conflict ... Capture every momentary singularity in the literary collection of the Brazilian writer Clarice Lispector (1920- 1977) thus, the figure becomes a challenge. This challenge is intensified in an unsettling way in the works *Água viva* (1973) and *Onde estivestes de noite* (1974) or, more specifically, in the narrators who drag on to their desires, abandoning the human condition to assume the animality of the being that it constitutes one of the fundamental archetypes among which humanity has inscribed in its memory: the horse. The present discussion takes into consideration the novel by the acclaimed writer Clarice Lispector: *Água Viva* (1973) and the short story ‘Seco Estudo de Cavalos’ (*Onde Estivestes de Noite*) (1974). The reflections revolve around the figure of the horse, seeking to identify the process of metamorphosis desired and suffered by the characters. They are in constant changing of identities. The theoretical-bibliographic methodological aspects intend to demonstrate that, although the horse assumes varied and symbolic manifestations. As a result, the narrators evolve from the human to the animalized condition, in a ritualistic ecstasy. Studies related to nature and its relations with literature, as well as the (de) constitution of identities of the contemporary human being, support and allow the analysis of this metamorphosis, considering that the excerpts presented justify and guide the interpretation. Based on this assumptions, we will try to demonstrate how literature is configured as a space for questioning animals' representation. Human and non- human animal integrate the environment. They are intertwined and interdependent Clarice Lispector's literary production has an extraordinary fauna in the foreground: animals that integrate the narratives as beings endowed with sensitivity, intelligence and emotions, such as human characters. Currently, there is an intense concern with the animal condition and the way in which humans establish ethical relationships with them.

Key words: Animal, identity, Clarice Lispector

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir da abordagem sobre a (des)constituição de identidades das narradoras nas obras *Água viva* (1973) e *Onde estivestes de noite* (1974), de Clarice Lispector (1920-1977), pretende-se centrar um recorte que diz respeito à metamorfose do humano ao animal equino, desejada e sofrida pelas personagens das obras, que também são suas narradoras.

A contemporaneidade expressa um mundo indeterminado, incontrolado e, justamente por isso, assustador. Os fatores propulsores e que motivam a (des)constituição de identidades estão associados ao capitalismo, às questões de classe, e ao multiculturalismo advindo da colonização de determinado local. Neste contexto, a literatura absorve essa realidade e devolve ao leitor a possibilidade de reflexão da complexidade do sentido de si dos sujeitos, por meio de narradores/personagens híbridos e deslocados (BAUMAN, 2005).

Durante a análise do acervo clariceano na Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, o datiloscrito corrigido de próprio punho por Clarice Lispector, intitulado ‘Seco estudo de cavalos’, chamou-me a atenção. O conto foi publicado em 1974 (um ano depois da publicação de *Água viva*), no livro *Onde estivestes de noite*. No datiloscrito não consta nenhuma indicação temporal de sua gênese. As oito páginas (algumas se resumem em pequenas tiras de papel, amareladas pelo tempo) chamaram-me para um olhar mais atento em torno da figura do cavalo, motivando releituras em diversas obras da escritora. Paralelamente, uma sondagem na produção científica sobre Clarice Lispector, evidenciou a ausência de uma abordagem que contemplasse a relação entre a relação das personagens humanas com o cavalo na perspectiva da (des)constituição de identidade, o que confirma e assegura a relevância de estudo sobre o tema. Diante do exposto, inquieta saber: de que forma a literatura se configura como um espaço de problematização acerca da representação dos animais e sua conexão humana?

A proposta da pesquisa compreende um aparato teórico e bibliográfico que subsidia a fortuna crítica e teórica sobre Clarice Lispector e as produções artísticas recortadas como objeto deste estudo, detendo-se em: Antonio Cândido, Evando Nascimento, Carlos Mendes de Sousa, entre outros, bem como cartas e documentos pessoais de Clarice Lispector. A abordagem teórica referente a (des)constituição de identidades está pautada em Stuart Hall (2005) e Zygmunt Bauman (2005).

2 IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

As discussões sobre o comportamento humano permeiam os mais diversos campos da ciência, constituindo objeto de estudo de inúmeros estudiosos ao longo do tempo. A partir do século XXI, teóricos como Stuart Hall e Zygmunt Bauman apontam que o sujeito deixa de ser unificado em virtude do contexto social, cultural e político em que vive, visto as modificações nos conceitos de classe, sexualidade, gênero, etnia, nacionalidade e raça, o que o fragmenta e promove o surgimento de novas, múltiplas e ambíguas identidades.

Assim, o indivíduo moderno deixa de ser “integrado”, vê-se deslocado/descentrado, social e culturalmente, com o sentimento da perda do “sentido de si”, fazendo com que busque continuamente uma identidade; acredita que a filiação a um dado grupo possa fazê-lo sentir-se bem, seguro, valorizado e respeitado. Para Bauman (2005, p. 35), “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo”.

O indivíduo, segmentado, abstrai os significados do outro, ou seja, a identidade não é mais construída de forma unívoca, mas é ajustada ao mundo. “Em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN, 2005, p. 20).

No âmbito literário, o significado da obra pós-moderna é a desconstrução do significado, significado este que existe no processo interpretativo e crítico. Por isso, a arte pós-moderna repudia qualquer solução incondicional, pois é polifônica e faz parte de uma sociedade múltipla, incerta, onde os homens estão em busca de si por meio da errância.

Água viva e o conto ‘Seco estudo de cavalos’, de Clarice Lispector, são textos que apresentam a típica desconstrução, a incerteza, o deslocamento e a solidão, refletindo sobre a condição humana, essa mesma condição que fragmenta e aflora a certeza de ausência de fronteiras na (des)constituição de identidades.

3 A MULTIPLICIDADE DE SENTIDOS EM TORNO DA FIGURA EQUINA

Ao mesmo tempo em que os animais são vistos pelos humanos como “outros” aqueles que são diferentes do humano, igualmente são seres sencientes, contudo, incompreendidos. Por isso, embora próximos, estão distantes, fascinam, assombram e desafiam. Polos binários caracterizam as ações humanas em relação aos animais: amados x marginalizados, comidos x humanizados, admirados x confinados. A compreensão do mundo animal torna-se assim,

distante e causa estranheza (MACIEL, 2016).

No âmbito da literatura, os animais motivaram poetas e escritores de diferentes épocas. Atualmente, tem ganhado força o termo “zooliteratura”, o qual expressa o “conjunto de diferentes práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que se voltam para os animais” (MACIEL, 2016, p. 14). Desta forma, adquire fôlego significativo o campo de estudo literário que privilegia o enfoque de animais. A condição animal e as relações éticas estabelecidas pelo ser humano fomentam debates e conduzem a novas abordagens literárias. Os animais estão presentes nas diversas narrativas literárias ao longo do tempo, em alguns casos, não ocupam lugar de destaque, mas são essenciais para compreender valores, confusões, angústias, contextos e fraquezas das pessoas. Os animais são importantes para a existência humana e precisam ser olhados para além de suas superfícies, pois proporcionam uma imensidão de significados e mistérios.

Nesta esteira, a produção literária de Clarice Lispector apresenta uma fauna extraordinária em primeiro plano: os animais integram as narrativas enquanto seres dotados de sensibilidade, inteligência e emoções, tais como as personagens humanas. Dentre a diversidade animal que habita as obras clariceanas, o destaque, neste momento, é do cavalo.

O cavalo engloba as noções de velocidade, imaginação e imortalidade. É uma personificação simbólica de força e vitalidade. Na era glacial, representava os motivos mais importantes da pintura (BIEDERMANN, 1993). Sua domesticação ocorreu há alguns milênios, na Europa oriental ou na Ásia central.

O cavalo está associado às trevas, conforme crença da maioria dos povos, onde surge sempre galopante. É filho da noite e do mistério, sendo portador de morte e de vida no mesmo instante (CHEVALIER, 1999). O final da noite conduz ao amanhecer e, nesse processo, o cavalo abandona suas sombrias origens. Contudo, Chevalier (1999) lembra que o cavalo tenebroso prossegue sempre no interior do ser humano, que às vezes é bom e às vezes é mau. Essa característica binária encontra-se na narrativa de Clarice Lispector (1980, p. 46):

O que é que faz o cavalo ser brilhante de cetim? É a doçura, não a piegas ou sentimental, mas aquela de quem assumiu o fulgor de vida – essa doçura se objetiva no seu pelo nu que deixa adivinhar os elásticos músculos ágeis e controlados.

No conto ‘Seco estudo de cavalos’, ao mesmo tempo em que possui a doçura induzida à bondade, o cavalo demonstra brutalidade, anunciando que deve ser temido: “Todo cavalo é selvagem e arisco quando mãos inseguras o tocam” (LISPECTOR, 1980, p. 46).

O cavalo não é como um animal comum, ele é montaria, veículo, nave, e seu destino é inseparável do destino do homem. Durante o dia corre desenfreadamente, tendo como guia o cavaleiro; durante a noite, a situação inverte-se, o cavaleiro torna-se cego e o cavalo assume a posição de guia. Cavalo e cavaleiro travam entre si importante cumplicidade que pode ser triunfante, mas, se entre ambos houver qualquer discordância, a loucura ou a morte podem ser certeiras (CHEVALIER, 1999). Portanto, não há esvaziamento de significados em torno da figura do cavalo.

Morte, mistério e magia constituem, assim, a tonalidade fundamental que circunda as acepções em torno da figura do cavalo. Isso fica reforçado se atentarmos para outro signo emblemático igualmente significativo: a noite. De acordo com Candido (2009, p. 44):

[...] a noite parece mais ajustada a uma corrente que valoriza o mistério, respeita o inexplicável e aprecia os sentimentos indefiníveis. Daí o nosso gosto pela noite como hora, quando a escuridão reina e se associa na imaginação a acontecimentos anormais e sobrenaturais, pontilhados de fantasmas, crimes e perversões [...].

As histórias sobre divisão da personalidade normalmente são narradas às sombras noturnas, o ‘outro’ quase sempre aparece à noite, como os lobisomens, forma extrema da personalidade rachada e oposta a si mesma, constituindo assim um ambiente permeado pelo fantástico no campo literário. Além disso, o sono está ligado à noite como estado que conduz a um mundo próprio, às vezes tocado pelo sobrenatural, por causa do sonho e da sua manifestação extrema, o pesadelo. “Tudo isso é matéria como vida diferente, tão válida quanto a da vigília e representando um desdobramento não apenas da personalidade, mas do mundo. Um outro ser, num outro mundo” (CANDIDO, 2009, p. 45).

A noite não representa apenas o momento benéfico da solidão humana, mas se revela como uma grande reveladora: “a fonte oculta, tanto dos nossos sentimentos quanto das coisas [...]” (NOVALIS *apud* CANDIDO, 2009, p. 45).

No viés do ocultismo, neste projeto, a noite compreende a condição fundamental para a realização do obsessivo desejo das narradoras em se transformarem em cavalo.

4 ÁGUA VIVA E ‘SECO ESTUDO DE CAVALOS’: EXALTAÇÕES INSTANTÂNEAS

Clarice Lispector, um dos principais ícones da literatura brasileira, com amplo acervo de obras traduzidas para diversos países, possui suas especificidades próprias, muitas vezes contraditórias e paradoxais e, suscita, no meio acadêmico, inquietações que conduzem a Rile – Revista Interdisciplinar De Literatura e Ecocritica

questionamentos sobre a condição humana. Vários estudos buscam, nos lugares onde viveu e nas indagações sobre seu íntimo emocional e psicológico, sinais que demonstram sua condição irreverente de ser, pensar, agir e escrever, já que sua vida foi cercada por crenças, fantasias, dores e mistérios: “Simplesmente eu sou eu” (LISPECTOR, 1998, p. 95).

Na visão de Nascimento (2012), Clarice Lispector tem contribuído em questionar os limites humanos em suas obras, em especial *Água viva* que “ficcionaliza certo não humano não como aquilo que ameaça o homem, mas, ao contrário, contribui para o ultrapasse das barreiras” (NASCIMENTO, 2012, p. 25). Essa acepção ancora também ‘Seco estudo de cavalos’, onde a espécie animal complementa a humana e vice-versa: “[...] o cavalo é o que existe de melhor no ser humano. Tenho um cavalo dentro de mim que raramente se exprime. Mas ao ver outro cavalo, o meu se expressa” (LISPECTOR, 1980, p. 45).

Somando-se a isso, Sousa (2012) adjetiva *Água viva* como “ambígua” em relação ao princípio da instantaneidade. Essa imensidão imediatista invoca o exterior para o interior nas obras *Água viva* e ‘Seco estudo de cavalos’. As narradoras assumem o papel de personagem principal, não são nominadas e vivem num mundo interior, imerso dentro do “eu”, ao entorno das quais os enredos irão se manifestar.

[...] a reinvenção do humano, como visto, depende necessariamente da intertroca com as formas vicinais: todos os viventes, como animais e plantas, bactérias e vírus (agentes de processos e mutações), até mesmo com o não vivo (objetos, pedras e coisas) (NASCIMENTO, 2012, p. 52).

E, assim, esse Éden reinventado compõe as obras selecionadas para este estudo constituindo instantes, não de fatos, mas de sensações: “Tentando pôr em frases a minha mais oculta e sutil sensação – e desobedecendo à minha necessidade exigente de veracidade – eu diria: se pudesse ter escolhido queria ter nascido cavalo” (LISPECTOR, 1980, p. 46).

O foco narrativo de *Água viva* e ‘Seco estudo de cavalos’ é subjetivo, apresentado na primeira pessoa do singular, explicitando a vida interior e as impressões psicológicas sobre o mundo de fora das narradoras/personagens.

Entre as diversidades naturais, nos dois textos, as referências especiais são para os bichos: “os bichos me fantasticam” (LISPECTOR, 1998, p. 48), as mais diversas espécies habitam *Água viva* compondo uma fauna exuberantemente verbal e luxuriante, pois “todos os seres vivos, que não o homem, são um escândalo de maravilhamento” (Ibidem, p. 55). Em ‘Seco estudo de cavalos’, a espécie equina é o que motiva todo o enredo, embora outros

animais sejam citados. A reflexão sobre a liberdade move e fundamenta a narrativa, e está centrada na figura do cavalo livre, ou seja, ainda não domado e domesticado pelo homem:

O que é um cavalo? É a liberdade tão indomável que é inútil aprisioná-lo para que sirva ao homem: deixa-se domesticar mas com um simples movimento de rebelde safanão de cabeça, sacudindo a crina como a uma solta cabeleira, mostra que sua íntima natureza é sempre bravia, límpida e livre (LISPECTOR, 1980, p. 45).

A liberdade intrínseca do cavalo permite-lhe que seja sempre indomável assim como a narradora em sua infinita liberdade imaginativa se transforma no animal que mais admira, para desbravar os mistérios das trevas noturnas, afirmando: “[...] talvez o cavalo ele-mesmo não senta o grande símbolo de vida livre que nós sentimos nele” (Ibidem, p. 47).

Embora o tempo em *Água viva* apresente-se mais acentuado no interior das narradoras, pode-se dizer que também é cronológico, pois, a princípio, parece não durar mais que um dia. No entanto, no decorrer da narrativa, percebem-se outros dias, noites e madrugadas, uns próximos dos outros. Igualmente, em ‘Seco estudo de cavalos’, há referências a uma tarde ensolarada embora o tempo pareça congelar numa noite escura e misteriosa, entrecortada de memórias da adolescência da narradora:

Já me relacionei de um modo perfeito com o cavalo. Lembro-me de mim-adolescente. De pé com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pelo lustroso. Pela sua agreste crina agressiva (LISPECTOR, 1980, p. 47).

O espaço nas narrativas de *Água viva* e ‘Seco estudo de cavalos’ é bem mais frequente e intenso no próprio interior psicológico das narradoras: “só no tempo há espaço para mim” (LISPECTOR, 1998, p. 10), assim, marcações temporais caracterizam o espaço: “minha palavra estala no espaço do dia” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Em *Água viva*, de modo geral, é possível aferir que durante toda a narrativa prevaleça como espaço físico a casa da narradora, entretanto, não há descrições minuciosas sobre este local. No conto ‘Seco estudo de cavalos’, o espaço igualmente se reduz ao interior da narradora/personagem, a qual, ao deixar-se levar pelas lembranças cita, de forma breve, outros espaços como uma cidadezinha do interior.

Ressalta-se ainda que a narrativa de *Água viva* e ‘Seco estudo de cavalos’, é circular, ou seja, não termina, o que é anunciado pela própria narradora: “O que te escrevo continua e estou enfeitiçada” (LISPECTOR, 1998, p. 95).

No início do conto ‘Seco estudo de cavalos’ encontram-se indícios de uma possível animalização da narradora, ao se colocar no lugar de um cavalo e captar as sensações

interiores: “O que é que um cavalo vê que, não vendo, o torna perdido como de si mesmo? É que, quando enxerga, vê fora dele o que está dentro de si” (LISPECTOR, 1980, p. 46).

Em seguida, ela demonstra a afinidade com o equino: “Eu me sentia como se alguém me visse de longe. Assim, ‘A moça e o Cavalo’¹” (LISPECTOR, 1980, p. 47). A partir dessa expressão constata-se o dialogismo entre ‘Seco estudo de cavalos’ e *Água viva*. Note-se que a narradora se denominou como “moça”, ao passo que em *Água viva* descreve-se “mulher”:

Já vi cavalos soltos no pasto onde de noite o cavalo branco - rei da natureza - lançava para o alto ar seu longo relincho de glória. Já tive perfeitas relações com eles. Lembro-me de mim de pé com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pelo nu. Pela sua crina agreste. **Eu me sentia assim: a mulher e o cavalo**² (LISPECTOR, 1998, p. 50).

A narrativa de ‘Seco estudo de cavalos’, dividida em seus dois tempos – dia e noite – aproxima-se de seu clímax ao surgirem as primeiras pistas de perigo nos mistérios da noite: “Podia-se ver o morno bafo úmido – o bafo radioso e tranquilo que saía das narinas trêmulas extremamente vivas dos cavalos em certas madrugadas frias” (LISPECTOR, 1980, p. 49). A metamorfose inicial e mais evidente é a do próprio cavalo, o qual adquire comportamento agressivo durante a noite, abandonando a condição de condutor e carregador de cargas:

Mas à noite os cavalos liberados das cargas e conduzidos à ervagem galopavam finos e soltos no escuro. Potros, rocins, alazões, longas éguas, cascos duros – ou de repente uma cabeça fria e escura de cavalo: - os cascos batendo, focinhos espumantes erguendo-se para o ar em ira e murmúrio. E às vezes uma longa respiração esfriava as ervas em tremor (LISPECTOR, 1980, p. 49).

A narradora, ouvindo esse rumor dos cavalos, sente-se atraída: “eu adivinhava os cascos secos avançando até estacarem no ponto mais alto da colina” (Ibidem, p. 50). Essa descrição dialoga com o trecho de *Água viva* que descreve a pintura de uma gruta:

E se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras nas nimbadas de claridade [...] e onde os bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio. As grutas são o meu inferno. [...] E tudo isso sou eu. Tudo é pesado de sonho quando pinto uma gruta ou te escrevo sobre ela - **de fora dela vem o tropel de dezenas de cavalos soltos a patearem com cascos secos as trevas**³ [...] (LISPECTOR, 1998, p. 15).

¹ Grifos nossos.

² Grifos nossos.

³ Grifos nossos.

A gruta é evocada em *Água viva* e ‘Seco estudo de cavalos’, sendo que as situações se passam numa noite, não em uma noite qualquer, mas em meio às trevas, onde as narradoras demonstram sentirem-se à vontade. Nenhuma delas afirma ver os cavalos, apenas ouvem os galopes. A figura do cavalo noturno é sedutora para ambas.

O clímax da narrativa de ‘Seco estudo de cavalos’ se dá nas trevas do quarto da narradora. A cena aparece no final, no ponto mais estratégico do conto, rompendo com a ordem do mundo natural. Inicialmente se sente amedrontada, sensação que se dissipar num sorriso maquiavélico: “que quereria responder com as gengivas à mostra em relincho” (LISPECTOR, 1980, p. 50). Em seguida, ela descreve a própria metamorfose:

Na inveja do desejo o rosto adquiria a nobreza inquieta de uma cabeça de cavalo. [...] Mal eu saísse do quarto minha forma iria se avolumando e apurando-se, e, quando chegasse à rua, já estaria a galopar com patas sensíveis, os cascos escorregando nos últimos degraus da escada da casa. Da calçada deserta eu olharia: um canto e outro. E veria as coisas como um cavalo asvê (LISPECTOR, 1980, p. 50).

Sobre o homem metamorfoseado em cavalo, Chevalier (1999) define-o como o possuído e o iniciado: “[...] o homem, o possuído, transforma-se ele próprio em cavalo, para ser montado por um espírito” (CHEVALIER, 1999, p. 204).

É sobre essa perspectiva que a narradora de *Água viva* revela um mundo místico e sinistro em suas noites, confessando inclusive a prática de rituais:

Minha noite vasta passa-se no primário de uma latência. [...] Tenho o misticismo das trevas de um passado remoto. [...] Cercam-me criaturas elementares, anões, gnomos, duendes e gênios. Sacrifico animais para colher-lhes o sangue de que preciso para minhas cerimônias de sortilégio. Na minha sanha faço a oferenda da alma no seu próprio negrume. A missa me apavora - a mim que a executo. E a turva mente domina a matéria. A fera arreganha os dentes e galopam no longe do ar os cavalos dos carros alegóricos. Na minha noite idolatro o sentido secreto do mundo. Boca e língua. E um cavalo solto de uma força livre. Guardo-lhe o casco em amoroso fetichismo (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Nesse ambiente permeado pelo ocultismo a narradora de *Água viva* confessa seu fetiche: cavalos, os quais são admirados justamente pela liberdade deliberada e pela condição selvagem e indomável: “Deixo o cavalo livre correr fogoso [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Essa afirmativa é reforçada: “Eu, que troto nervosa e só a realidade me delimita (Ibidem, p. 19). Observa-se certa mutação nas palavras da narradora de *Água viva*, ao comparar sua corrida/trote com a do cavalo. As comparações entre a narradora e o animal equino são constantes: “Lembro-me de mim de pé com a mesma altitude do cavalo [...]” (Ibidem, p. 50).

Segundo Elias José (s/d), é comum, em arte, o ser solitário humanizar os animais para fazer deles ouvintes, companheiros. Mas a narradora de *Água viva* explica que possui outro método: “Não humanizo bicho porque é ofensa – há de respeitar-lhe a natureza” (LISPECTOR, 1998, p. 49). Ela inverte o processo: “eu é que me animalizo” (Ibidem, p. 49). Sua imersão ao mundo animalizado é tão profunda que confessa sua frustração ao “Não ter nascido bicho é uma minha secreta nostalgia” (Ibidem, p. 52).

Esse desejo desenfreado de se animalizar é enfatizado também pela narradora de ‘Seco estudo de cavalos’, como se fosse hipnotizada por tambores em um ritual e vivesse uma metamorfose:

Se adormeço um instante, o eco de um relincho me desperta. E é inútil não ir. No escuro da noite o resfolegar me arrepia. Finjo que durmo mas no silêncio o ginete respira. Todos os dias será a mesma coisa: já ao entardecer começo a ficar melancólica e pensativa. Sei que o primeiro tambor da montanha do mal fará a noite, sei que o terceiro já me terá envolvido na sua trovoada. E no quinto tambor já estarei na minha cobiça de cavalo fantasma. Até que de madrugada, aos últimos tambores levíssimos, me encontrarei, sem saber como, junto a um regato fresco, sem jamais saber o que fiz (LISPECTOR, 1980, p. 52).

Embora o desejo incontido em se transformar em cavalo alimente esse ritual, a narradora de ‘Seco estudo de cavalos’ sabe que sua natureza é humana e está fora de seu alcance mudar isso definitivamente:

Da última vez [...] era tão grande a minha tristeza humana por ter sido o que eu não devia ser, que jurei que nunca mais. O trote porém continua em mim. Converso, arrumo a casa, sorrio, mas sei que o trote está em mim. Sinto falta dele como quem morre. Não, não posso mais deixar de ir (LISPECTOR, 1980, p. 52).

Ela hesita, tenta aceitar sua naturalidade, mas o desejo a arrasta apelando a um ritual que lhe possibilite a mutação para ser o que está latente no seu interior: um cavalo:

E sei que de noite, quando ele me chamar, irei. Quero que ainda uma vez o cavalo conduza o meu pensamento. Foi com ele que aprendi. Se é pensamento esta hora entre latidos. Começo a entristecer porque sei, com meus olhos – oh sem querer: não é culpa minha! – com meus olhos sem querer já resplandecendo o feitiço do regozijo – sei que irei. Quando de noite ele me chamar para a atração do inferno, eu irei. [...] Ninguém sabe, ninguém vê. Só os cães ladram pressentindo o sobrenatural. Apresento-me no escuro [...] (LISPECTOR, 1980, p. 52).

O período da noite constitui-se no momento de transformação, a qual parece ser desencadeada numa seita por meio de um ritual. De humana passa a cavalo, um ser noturno

que desbrava as trevas e não teme os mistérios de um lugar sinistro como o inferno. Relutante,

ela entrega-se ao sobrenatural e ao cavalo, o qual ilustra a valorização negativa do animal, como visão terrível e pesadelo. Chevalier (1999) lembra que são os cavalos da morte ou do pesadelo que povoam o folclore céltico: são cavalos-demônios, almas penadas ou entes malditos que desviam o caminho dos viajantes ou os atraem para os pântanos; é importante destacar que o último trecho do conto ‘Seco estudo de cavalos’ tem como título “Estudo do cavalo demoníaco”.

Assim, nas despedidas do sol a narradora agitada prepara-se, pois “A noite é a minha vida com o cavalo diabólico. A noite é minha vida, entardece, a noite pecadoramente feliz é a vida triste que é a minha orgia [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 53). Orgia materializada no fetiche da metamorfose em cavalo.

Nessa perspectiva, a identidade do sujeito pós-moderno é móvel, sendo formada e transformada constantemente em virtude da relação com os sistemas culturais vigentes. “A ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’” (BAUMAN, 2005, p. 22). Essa alternância de identidades é visível nos mais diversos aspectos da vida do ser humano, inclusive na literatura, conforme visto nas narradoras das obras *Água Viva* e ‘Seco estudo de cavalos’, as quais demonstram que assumem identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura do cavalo adquire um sentido único, onde se humaniza com a mesma intensidade e rapidez que se animaliza atendendo narradoras que desejam e se permitem metamorfosear nas sombras da noite em busca de satisfação interior. Neste processo de desindividualização, de intensa tensão dramática, as narradoras, através de reflexões, entram e saem do mundo referencial, ordenado socialmente, procurando o sentido da existência; neste trajeto, o fantástico se aproxima da lucidez e da razão convencional.

A mulher de ‘Seco estudo de cavalos’ transforma-se em cavalo e vai ao encontro das sombras noturnas, deixando os seguros aposentos de casa para descobrir o mundo, aventurando-se animalizada.

Clarice Lispector fascina e, ao mesmo tempo desestabiliza o leitor, ao apresentar uma narradora que deseja ser da espécie equina. Cada fragmento de ‘Seco estudo de cavalos’ parece captar a dimensão do instante-já da cena: o brilho do pelo, o galope, o relincho, o

cheiro de estrebaria, situando o leitor na fronteira entre o real e o lógico, e uma intimidade secreta, revelando assim uma obra que não aborda fatos, mas sim sensações.

Considerando as diversas simbologias da imagem equina, na produção literária clariceana, o animal refere-se a um ser noturno e misterioso. A recorrência da representação da figura do cavalo nos dois textos está intimamente relacionada ao processo de subjetivação das narradoras. Portanto, são elementos simbólicos que acionam a virada epifânica das personagens, conduzindo-as a profundas indagações e inquietações que possibilitam redimensionar sua relação com o mundo/com o outro e consigo mesmas. O que por sua vez, produz sentidos que propõem, por meio da interface homem/animal, problematizar o próprio limite do homem.

Ser humano e animal integram o meio ambiente, por isso, um está imbricado no outro com suas necessidades, exigências e ações, constituindo um espaço de interconexões, espaço este que encontra na literatura campo fértil para representar a conexão humana x animal.

Assim, defende-se que, embora as duas narradoras sejam personalidades alternadas e multifacetadas, ambas trazem consigo um elo: a figura do cavalo e toda a carga semântica de sua simbologia.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. Trad.: Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 2009.

CANDIO, Antonio. **No raiar de Clarice Lispector**. In.: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

JOSÉ, Elias. **Anotações sobre “Água Viva”**. CL 22 pit/CFRB/RJ. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, s/d.

LERNER, Julio. **Clarice Lispector**: essa desconhecida. São Paulo: Via Lettera, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Seco estudo de cavalos.** In.: Onde estivestes de noite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector:** uma literatura pensante. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SOUZA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector:** figuras da escrita. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.